



A TRAÇA

Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação



Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)

Apresentação

Aos nossos leitores e leitoras apresentamos, nesta edição, um breve panorama acerca das diferentes concepções de infância ao longo dos séculos, desde a criança como um ser em devir e em preparação para a vida adulta, passando pelo surgimento do sentimento de infância, até a criança como um ser de direitos, que tem um mundo rico e potente.

Além disto, apresentamos alguns materiais que se encontram disponíveis para pesquisa no CDPHE, que nos ajudam a pensar sobre a história da infância e em como as especificidades desta etapa da vida foi representada através das produções teóricas e culturais.

NESTE NÚMERO

A CONCEPÇÃO DE
INFÂNCIA E AS
PRODUÇÕES
CULTURAIS

AS
INFÂNCIAS

PRODUÇÕES
CULTURAIS

Divulgação

De 8 a 10 de novembro de 2023, será realizado o II Encontro Paranaense de História da Educação, no **Setor de Educação - Campus Rebouças - UFPR, em Curitiba - PR.**

A programação completa já se encontra no site!

De 09 de outubro a 06 de novembro -
inscrição de ouvintes.

Acesse o site do evento para mais informações:

<https://educacao.ufpr.br/ephe/>



II Encontro Paranaense de História da Educação
Preservação de acervos, pesquisa e formação de
pesquisadores -

25 anos da Linha de Pesquisa
História e Historiografia da Educação
(UFPR/PPGE)

A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E AS PRODUÇÕES CULTURAIS

Proponente principal: Maria Aparecida Codognotto

Quando pensamos na infância, seja das crianças de hoje, seja na nossa própria infância, recordamos, muitas vezes, das brincadeiras ou brinquedos dos quais mais gostávamos, das histórias que ouvíamos, e, possivelmente, dos desenhos e filmes que assistíamos. Hoje em dia, e principalmente a partir do final do século XX, podemos notar uma produção cultural mais preocupada com os valores da infância, isto é, de acordo com a concepção de que a infância é uma etapa da vida na qual o lúdico e o imaginativo devem prevalecer, que a criança deve brincar de faz de conta e criar seus próprios mundos, uma etapa que precisa ser vivida intensamente.

Mas, nem sempre a infância foi entendida assim, como uma etapa importante da vida, que deve ser resguardada com respeito. Ao longo dos séculos, a visão tida sobre as crianças foi mudando, de acordo com o local onde se vivia, o período sócio-político que se passava, a economia do local como também as condições econômicas nas quais a criança se encontrava, e a própria visão do papel da criança em determinada sociedade. Estes fatores influenciavam a concepção de infância, muitas vezes restrita à sua utilidade para a sociedade vigente.

Sendo assim, a concepção de infância afeta diretamente nas produções culturais de cada período, sendo na aparição ou no papel das crianças retratadas nos filmes e histórias que não são produzidos necessariamente para as crianças, mas principalmente na produção de histórias, brinquedos, desenhos e filmes para elas.

Neste boletim iremos fazer uma breve contextualização das concepções de infância, bem como apresentar ao leitor alguns livros destinados a crianças, parte deles disponíveis para consulta no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE), que podem vir a ser utilizados como fonte e material de pesquisa para a temática.

1. AS INFÂNCIAS

Embora tentemos traçar uma reta cronológica para demarcar as concepções de infância ao longo dos séculos, não podemos afirmar com exatidão como ou quando um ideal de criança é substituído por outro, uma vez que as concepções de infância são constituídas sociologicamente e historicamente. Deste modo, é possível dizer que em diversos momentos, não existiu somente uma concepção de infância, mas múltiplos ideais ao mesmo tempo.

Partindo, então, do pressuposto de que este recorte temporal fixo não seja algo interessante de se realizar, tentemos demarcar algumas concepções, mas tendo em mente, de que, possivelmente, este não era o único ideal de criança presente naquele período.

Iniciemos nossa discussão a partir da concepção da Grécia Antiga. Para os gregos, as crianças eram colocadas um tanto à parte da sociedade e só participavam da mesma quando atingiam a idade adulta e precisavam ser zelados e educados para não caírem nas tentações que a falta da virtude poderia provocar. Aristóteles acreditava que as crianças não poderiam usar seu próprio raciocínio para chegar à virtude, e via a infância como um período muitas vezes infeliz e de doença (Conrad, 2000. IN: Furlanetto, 2006, p. 2706).

VOCÊ SABIA?

Em Esparta, na Antiguidade, era comum a prática do que hoje entendemos por eugenia, tendo como justificativa a importância e a necessidade de manter a sociedade espartana forte. Por prezar pela perfeição física, as crianças nascidas com algum tipo de deficiência, ou que não eram consideradas saudáveis eram abandonadas para fora dos muros da cidade ou até mesmo mortas. Porém, não podemos julgar as ações deles, pelos valores de hoje.

A educação das crianças, principalmente nos primeiros anos de vida, ficava a cargo da esfera familiar, sendo o homem seu tutor legal. Eles eram responsáveis por socializar a criança, assim como ensiná-la e desenvolvê-la psicologicamente.

Na Roma Antiga, assim como na Grécia, as crianças, em sua maioria, não tinham um papel compreendido como ativo na sociedade, e era obrigação da família educar os filhos, e servir como um regulador identitário.

Depois de uma certa idade, os meninos das famílias da elite romana tinham aulas com professores particulares, enquanto os filhos dos demais, tinham que trabalhar. O abandono de crianças também era comum, e cabia ao pai reconhecer ou abandonar os filhos. Este infanticídio foi permitido até 318 d.C.

Na Idade Média surgem ao menos duas concepções preponderantes para caracterizar as crianças, uma as via como seres malignos, carregadas de pecado:

Para Santo Agostinho a imagem da infância é dramática: a criança é o símbolo da força do mal, um ser imperfeito que carrega em seu seio todo o peso do pecado original, e o batismo era uma tentativa de redimi-la (Furlanetto, 2006, p. 2706).

Em contrapartida, a criança também era tida como ingênua e inocente, sendo aproximada e comparada com a infância de Cristo. Assim, neste período, as crianças também quase não tinham seu lugar reconhecido na sociedade, sua rotina, brinquedos e brincadeiras eram aproximados ao papel que os adultos desempenhavam na sociedade. Podemos notar isso ao analisarmos algumas pinturas da época, em que elas, principalmente das classes mais abastadas, eram retratadas com roupas e aparência de adultos.

Assim que conseguiam ter certa autonomia, as crianças eram consideradas aptas para o trabalho, ajudando os mais velhos no dia a dia, e indo trabalhar como servos para as famílias mais abastadas (Furlanetto, 2006, p. 2707).



Infante Don Diego, de Alonso Coello, 1577

Fonte: Pereira, 2011, p. 16

A mortalidade infantil, o abandono e a pobreza ainda incidiam com muita força sobre as infâncias nesse momento histórico. Os tradicionais contos da carochinha nos aproximam destas vivências, como por exemplo na História de João e Maria, na qual as crianças foram abandonadas na floresta por seus pais que não as podiam alimentar.



Hansel und Gretel, Karl Offterdinger (1829-1889), final do séc. XIX.

Fonte: Mein erstes Märchenbuch, Verlag Wilh. Effenbergger, Stuttgart, final do século XIX.

Karl era um famoso pintor e ilustrador alemão, conhecido principalmente por suas ilustrações de contos de fadas e livros infantis.

Para saber mais: Os contos de fada como conhecemos hoje nem sempre estiveram ligados a infância ou acabavam com o “felizes para sempre”. Falconi e Farago pesquisam mais a fundo a origem destes contos que tanto nos encantam e suas contribuições no desenvolvimento infantil.

Acesse: FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro: São Paulo, v.2, n.1, p. 85-111, abr/2015.

Disponível em:

<https://www.unifafibe.com.br/cadernodeeducacao/?pagina=sumario&edicao=35>

Você Sabia?

A **roda dos expostos** ou **roda dos enjeitados** consistia num mecanismo utilizado para abandonar bebês e até crianças um pouco maiores, que ficavam ao cuidado de instituições de caridade. O mecanismo, em forma de tambor ou portinhola giratória embutido numa muralha, no qual se colocava a criança do lado de fora da instituição e se girava a roda para que fosse recebida no lado de dentro. Os registros apontam esta prática desde o século XV, em diversos países da Europa ganhando força a partir do século XVI. No Brasil algumas Santas Casas também utilizaram este sistema.



Fonte: Nascimento, 2006, p. 129

Já com a Renascença na Idade Moderna, a criança passa a ser vista não como um ser inerte, mas que tem capacidade de aprender com o mestre, sendo moldada conforme o ideal de educação do período. É neste período, que o sentimento de infância surge, segundo a famosa obra *História Social da Infância e da Família*, de Philippe Ariés. Esse novo sentimento de infância se relaciona com novas concepções sobre a família, pelas reformas religiosas e pela criação do Estado Moderno.

Nesta fase, a educação ganha destaque, sendo uma das principais preocupações dos pais para com os filhos, e as escolas, no século XVI e, principalmente XVII, começam a ter um notório desenvolvimento. É também neste período que surgem as primeiras propostas educativas para as crianças menores de seis anos, tendo como importantes pensadores da infância Pestalozzi, Rousseau, Froebel e Comenius (Furlanetto, 2006, p. 2708).



Indicação: O filme *"Para Sempre Pestalozzi"* retrata a vida e os ideais educativos defendidos pelo educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi.

Portanto, é entre estes acontecimentos, e incentivado pelo sentimento de infância, isto é, o entendimento que esta fase da vida tem suas particularidades e especificidades diferentes dos jovens e adultos, que a escola surge, como forma de acolher, preparar, socializar e educar as crianças culturalmente, para viverem em sociedade.

VOCÊ SABIA?

O termo Jardim de Infância teve como precursor o educador alemão Friedrich Froebel, que acreditava que as crianças precisavam ser cuidadas como plantas em um jardim, e os professores eram como jardineiros que zelavam e adubavam as plantas. O primeiro Jardim foi fundado em junho de 1840 na cidade de Blankenburg, como meio de educar crianças alemãs de famílias que tinham baixa renda. No Brasil, o primeiro jardim de infância surge em 1862, destinado às classes sociais mais altas. (Kendzierski, 2012).

Rousseau foi o primeiro pensador a descontinuar a visão das crianças como adultos em miniatura, ao contrário, ele argumenta em favor de uma educação própria a elas, visto que têm seu próprio mundo e especificidades diferentes das dos adultos, cabendo a eles compreendê-las.

Entretanto, mesmo com o desenvolvimento deste sentimento de infância, notamos a evidente continuidade da exploração infantil, como na Revolução Industrial em 1760. Muitas crianças pobres, que antes trabalhavam com sua família no campo, passaram a trabalhar nas fábricas urbanas, uma vez que precisavam ajudar na manutenção e sobrevivência de sua família, sendo elas escolhidas por conta da baixa estatura, da facilidade de mexer nas máquinas e do pagamento de baixos salários. Trabalhavam por volta de 16 horas diárias, fazendo trabalhos repetitivos, dormindo muitas vezes na própria fábrica em condições insalubres e com uma alimentação que não supria o básico. Assim sendo, podemos dizer que nestas condições, milhões de crianças tiveram suas infâncias roubadas pelos trabalhos nas fábricas, enquanto as crianças das famílias mais ricas se dedicavam ao estudo, algo que é possível notar ainda nos dias de hoje, quando olhamos para os números da evasão escolar em nosso país, visto que, em sua grande maioria, o motivo para tal é a necessidade de encontrar trabalho para ajudar a manter a casa.



Crianças trabalhando na indústria têxtil.

Foto: Lewis Hine, 1909

Disponível em:

<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Lewis-Wickes-Hine/1423279/Spindle-boys-na-f%C3%A1brica-de-algod%C3%A3o-da-Ge%C3%B3rgia-c.-1909-%28foto%29.html>

No Brasil, o olhar que se voltava para a infância não era diferente, estudos sobre a criança no Brasil do séc. XIX apontam que a prática do abandono infantil, principalmente através da roda dos enjeitados perdurou até meados de 1950, a princípio com um caráter de caridade e moralidade cristã, mas que depois passou a ser responsabilidade estatal proteger e prover estas crianças. Entretanto, mesmo deixadas sob os cuidados das Santas Casas, a taxa de mortalidade ainda era alta devido a nem sempre serem deixadas em locais de cuidado - muitas crianças eram abandonadas nas ruas - e a frequente violência e abusos que sofriam. Deste modo, "O infortúnio de não sobreviver ou não ser criado pela própria família sinaliza o fato de que a infância ainda estaria sob processo de construção." (Melo, 2020).

A respeito da educação, era papel da família educar as crianças e à escola cabia o papel apenas da instrução, principalmente as crianças das famílias mais abastadas. Segundo Melo (2020) a educação das crianças de elite era a forma que o Estado via de forjar uma nova sociedade "civilizada" a partir dos costumes e valores europeus. Desta forma, a instrução que recebiam nas escolas estava ligada à educação europeia, e muitos meninos eram enviados para terminarem seus estudos na Europa, enquanto as meninas tinham aulas de bordado, línguas estrangeiras e bons modos.

Em contrapartida, neste mesmo período a criança filha de pais escravizados não tinha direito algum, sendo por vezes separadas de suas famílias e vendidas como escravas, onde a partir dos sete anos já podia exercer trabalhos mais leves, e aos catorze já poderia realizar o serviço de um adulto. Apesar de em 1869 ser instituída a lei que proibia a separação das famílias ela ainda não era cumprida sem punição evidente para quem ainda praticava tal ato. (Melo, 2020).

Para saber mais: O trabalho de Abramowicz, et al (2011) analisa como a criança, em especial a criança negra, é retratada no Brasil no séc. XIX e início do séc. XX, a partir de uma pesquisa iconográfica. Acesse: ABRAMOWICZ, A., et al. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 29, n. 1, 263-293, jan./jun. 2011 ou através do link: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2011v29n1p263/19436>

O Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos, em sua tese de doutorado, de título “Pais e Filhos na Província do Paraná: uma história da educação da criança pela família” traz diversos elementos que nos auxiliam a entender como se dava a educação das crianças paranaenses entre os anos de 1853 a 1889. Dentre diversos documentos, fontes e fotografias que ajudam na discussão em torno da concepção de infância vigente naquele período, temos o seguinte quadro, que diferencia a visão da infância para a Igreja, da visão do Estado Imperial, os quais demarcam o “fim da infância” em diferentes idades.

Cronologia	Igreja	Estado
Até 8 dias de vida	Batismo	
Até os 3 anos	Levar uma vida cristã Sem todas as obrigações	Criação de leite pela mãe
Até os 7 anos	Levar uma vida cristã Sem todas as obrigações	
Aos 7 anos	Confissão e Confirmação	“Fim da infância”
Dos 7 aos 10 anos	Especificidades da Infância Confissão	
Dos 7 aos 12 anos	Última etapa da infância das meninas	Idade pupilar feminina Período de inocência em crimes
Dos 7 aos 14 anos	Última etapa da infância dos meninos	Idade pupilar masculina Período de inocência em crimes

Quadro 6 – Sinopse das cronologias da infância nas representações da Igreja e do Estado Imperial
Fonte: Constituições Primeiras e Abecedário Jurídico

Outro fator que poderia servir como fonte de pesquisa para entender a concepção de infância e como se via a educação das crianças é a estrutura dos prédios de escolas e creches. Na cidade de Curitiba, por exemplo, os locais onde foram construídas as primeiras creches na década de 1970 dizem respeito ao plano de Desfavelamento do centro da cidade, em que diversas famílias tiveram que se deslocar para as extremidades da cidade.

A necessidade, então, era oferecer um espaço seguro onde as famílias pudessem deixar as crianças para poderem ir trabalhar. Desta forma, as primeiras instituições possuem um caráter muito mais assistencialista do que educativo. A Profa. Dra. Elisângela Mantagute em seu artigo "A organização dos espaços e mobiliários nas creches em Curitiba/PR - 1975 a 1986", discute e evidencia como a estrutura e a organização dos espaços nestas instituições foram pensadas, e que nos ajudam a pensar em uma representação da infância.

Para finalizar esta breve trajetória histórica a respeito da infância, acreditamos ser interessante relembrar algumas conquistas nas leis brasileiras, que retomam o conceito de infância enquanto sujeitos de direito, principalmente no final do século XX. O Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) surge em 1985, motivado pela situação em que se encontrava a proteção das crianças e adolescentes das classes populares, e se tornou uma grande força em todo país, que culminou, mais tarde, na aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, com a participação e discursos das próprias crianças, em um ato de ocupação do Congresso pela aprovação da Lei, além de outras leis e emendas destinadas à proteção infantil, e a própria Constituição Federal de 1988.

Vale ressaltar que o MNMMR foi importante mas não foi o único movimento social que se mobilizou perante os direitos das crianças. Outros movimentos e organizações também desempenharam um papel fundamental na luta pelos direitos das crianças, como a CNBB (Conferência Nacional de Bispos do Brasil), o Fórum Nacional de defesa da criança, a Pastoral do Menor, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), a Frente Nacional da Criança, dentre outros. A realização de campanhas que trouxessem a discussão dos direitos das crianças também se tornaram fundamentais, dentre elas a Criança e Constituinte realizada em setembro de 1986 promovida pelo Ministério da Educação, e o movimento Criança-Prioridade Nacional, que aconteceu em junho de 1987.

Além disso, em 1996, através da Lei nº 9394/96 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que designa os parâmetros nacionais da educação no país, e reconhece o atendimento obrigatório das crianças a partir de quatro anos de idade, na educação formal.



Para saber mais: Em 2020 comemoramos 30 anos da aprovação do ECA. Que tal conhecer um pouco mais sobre a Lei? Acesse: Defender os direitos da Criança e do Adolescente, Revista Prioridade Absoluta, ou através do link <https://prioridadeabsoluta.org.br/estatuto-crianca-adolescente/defender-os-direitos-de-criancas-e-adolescentes-eu-estava-la/>

2. PRODUÇÕES CULTURAIS

Neste tópico, procuraremos apresentar alguns exemplos de produções voltadas para a infância, algumas delas disponíveis para consulta no CDPHE, visando divulgar estes materiais como fontes de pesquisa, além de serem representações da concepção de infância vigentes em cada local e época.

Começamos então falando sobre a coleção O Mundo da Criança, publicada pela primeira vez em 1934 em língua inglesa com o título "The Child 's Treasury", e traduzido com algumas adaptações para o português em 1954 pela Editora Delta S.A. A coleção conta com 15 volumes que propõem apresentar histórias, contos de fada, poemas, o cotidiano, brincadeiras, a natureza e a musicalidade, de forma lúdica para as crianças, além de apresentarem alguns conceitos sobre o desenvolvimento infantil importantes para os pais. Alguns títulos são: "Poemas da Primeira Infância"; "Histórias de Fadas"; "Grandes Homens e Feitos Famosos"; "A Natureza", "Ciência e Indústria", etc. Toda a coleção está disponível para consulta no CDPHE.

Na introdução da coleção escrita por Angelo Patri e presente no primeiro volume nos remete ao sentimento de infância, o qual discutimos inicialmente neste boletim:

Esta coleção começa como deve, com uma série de pequenos poemas e cantigas, destas que as crianças adoram. Eu disse, começa como deve, porque as crianças não são homens e mulheres pequeninos, capazes de viverem num mundo igual ao dos adultos desde que este seja reduzido a proporções miniaturais. Vivem, sim, num mundo próprio, seu, e são uma espécie de gente que tem tendências e aptidões muito peculiares. Seu mundo é o da imaginação povoado de fadas, elfos e cheios de símbolos que só elas entendem. (Patri, A. 1954, p. 6)

Deste modo, fica evidente que a coleção foi criada de modo a proporcionar a ludicidade para as crianças, para que mergulhando nas histórias, pudessem reinventar seu próprio mundo enquanto brincavam, criavam e se desenvolviam.



Cantigas Infantis Perdi meu Galinho, Esta Rua... e Tique Taque.

Fonte: O Mundo da Criança, volume 1.



Livro Volume 3, Histórias de Fadas.

Fonte: O Mundo da Criança, volume 3.

É interessante notar também a vertente política e religiosa que os livros trazem. Embora não seja nossa proposta analisar esta característica aqui, este pode ser um objeto de pesquisa em que os livros podem servir de fonte. Destacamos principalmente o volume 6 intitulado "Grandes Homens e Feitos Famosos", com histórias de alguns "heróis" brasileiros, além de histórias bíblicas como "A vida de Jesus".



Histórias "Moisés, o Legislador" e "Isabel - A Princesinha Redentora".

Fonte: O Mundo da Criança, volume 6, p. 161 e 73.

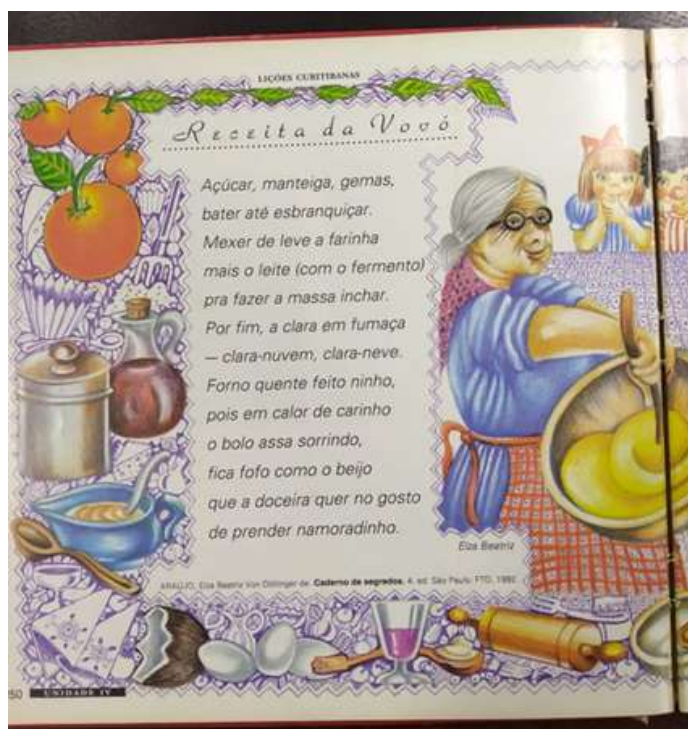
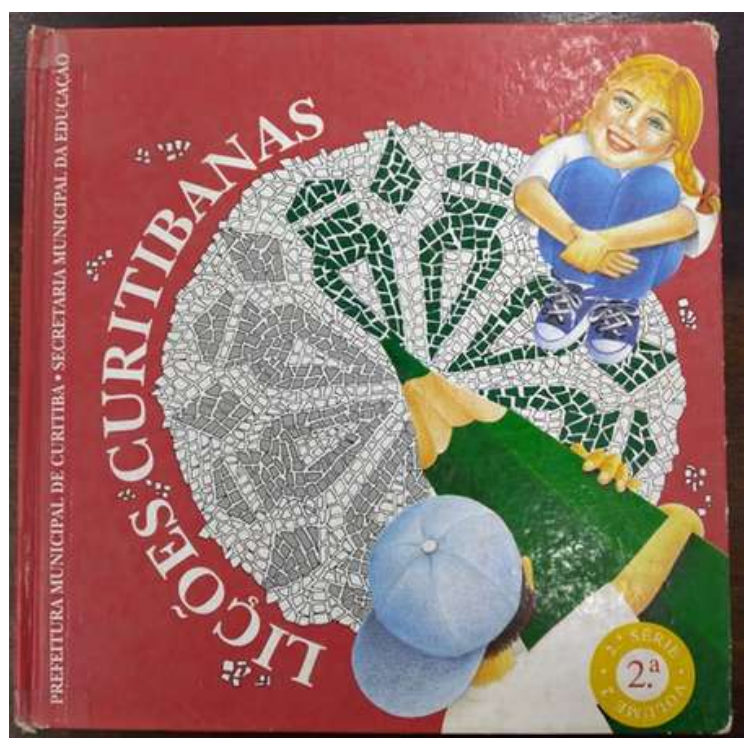


Para saber mais: O trabalho “O Mundo da Criança: categorias de abordagens para a formação dos bons costumes para o infante” de autoria de Joyce de Fátima M. Morais e Elaine Rodrigues, publicado em 2020 realiza uma análise mais aprofundada sobre a coleção.

Acesse: MORAIS, J. de F. M.; RODRIGUES, E. O Mundo da Criança: categorias de abordagens para a formação dos bons costumes para o infante. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 20, p. I-19, 2020. ou através do link:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8656928>

Outro material voltado para as crianças é a Coleção de livros Lições Curitibanas, destinada ao ensino público básico (hoje, Anos Iniciais do Ensino Fundamental). Essa coleção foi publicada em 1994 pela Prefeitura de Curitiba. Os livros possuem um caráter educativo voltado para o uso em sala de aula, podendo ser caracterizados como livros didáticos, e são repletos de imagens e ilustrações, que discutem um pouquinho da história da cidade, além de demais conteúdos destinados à 1ª a 4ª série, da época. No CDPHE a coleção completa está disponível para consulta.

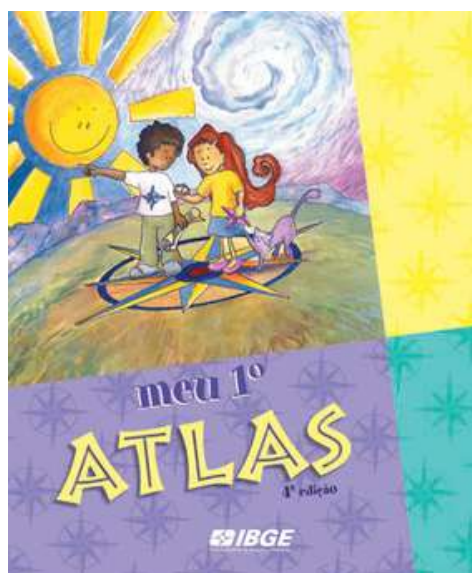




Imagens do livro Lições Curitibanas volume 2, para 2ª série.

Fonte: Lições Curitibanas, volume 2, 1995.

O livro **Meu 1º Atlas**, produzido pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2005, também é uma interessante fonte de pesquisa. O material se propõe a explicar de maneira mais simples o funcionamento dos mapas e demais conceitos geográficos. Apesar do material não fazer parte do acervo do CDPHE, ele está disponível para download no site do IBGE.

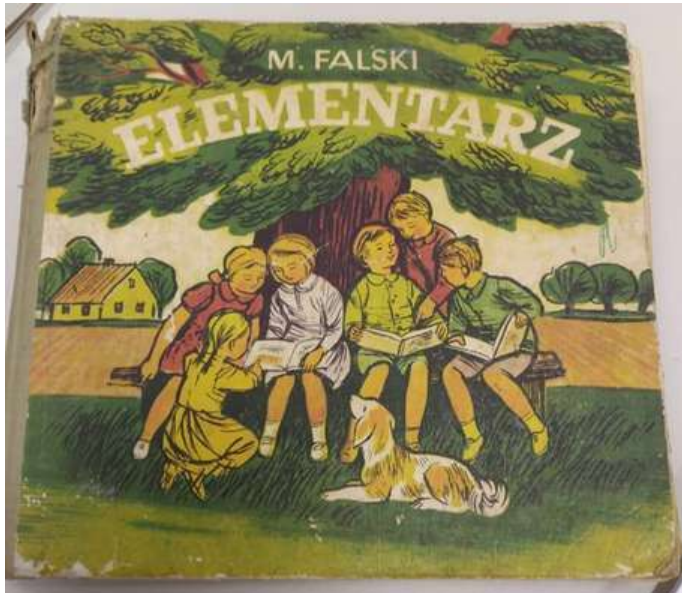


Meu 1º Atlas.

Fonte: Meu 1º Atlas, IBGE, 2012, 4ª edição.

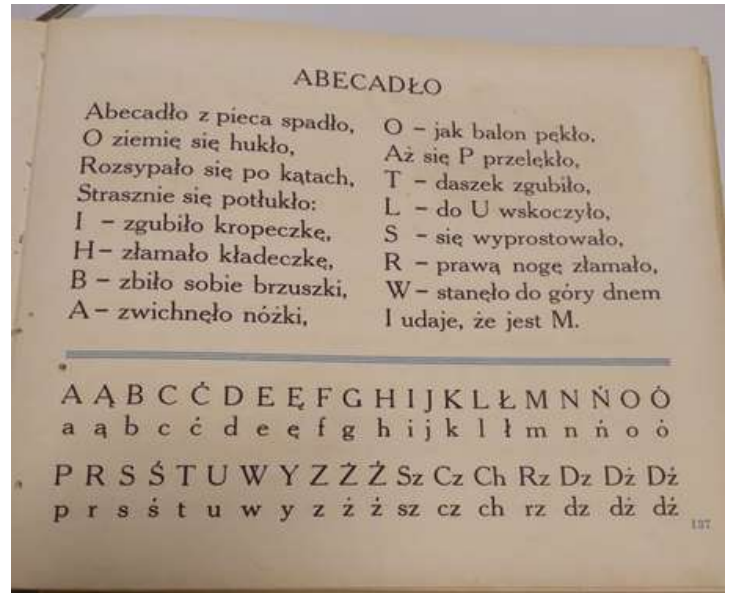
Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/atlas/nacional/16646-meu-1-atlas.html>

Apresentamos também um material um pouco diferente dos indicados até agora. Trata-se de uma cartilha de alfabetização polonesa, publicada em 1970 pela Państwowe Zakłady Wydawnictw Szkolnych - Warszawa (Fábrica de Publicações Escolares Estaduais - Varsóvia), que encontra-se disponível para consulta no CDPHE. Apesar da língua diferente, podemos observar que a estrutura do método e da diagramação da cartilha é muito parecida com cartilhas clássicas brasileiras, como a Caminho Suave.



Cartilha de alfabetização polonesa

Fonte: Elementarz, 1970



Alfabeto (Abecadło)

Fonte: Elementarz, 1970



Cartilha de alfabetização polonesa

Fonte: Elementarz, 1970

Por fim, indicamos alguns livros da Coleção Biblioteca Pedagógica da Professora Adilaurinda Ribeiro de Oliveira, doada ao CDPHE. A Professora Adilaurinda era uma estudiosa da Infância e educação infantil e sua família nos doou a biblioteca que ela construiu durante sua carreira. Os livros que compõem esta coleção nos dão um panorama muito rico sobre as discussões sobre infância através dos anos de 1970 a 2000.

Exemplos de livros da Coleção Biblioteca Pedagógica

Fonte: Acervo CDPHE



Livros da Coleção Biblioteca Pedagógica

Fonte: Acervo CDPHE

3. REFEPRÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; et al. **Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 29, n. 1, 263-293, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2011v29n1p263/19436> Acesso em: 18 de out. de 2023.

ANJOS, Juarez J. T. dos. **Pais e filhos na Província do Paraná: uma história da educação da criança pela família**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

CAUVILLA, Waldir. **Sobre um momento da constituição da ideia de infância: ponto de vista de um historiador**. Estilos da clínica, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 72-79, jul. 1999. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281999000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2023.

CURITIBA. **Lições Curitibanas**. 2ª Edição. Curitiba: Secretaria da Educação, 1995.

IBGE. **Meu 1º Atlas. 4º Edição**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/atlas/nacional/16646-meu-1-atlas.html> Acesso em: 21 de set. 2023.

FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. **Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro: São Paulo, v.2, n.1, p. 85-111, abr/2015. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/cadernodeeducacao/?pagina=sumario&edicao=35>

FALSKI, Marian. **Elementarz**. Warszawa: Państwowe Zakłady Wydawnictw Szkolnych, 1970.

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Da infância sem valor à infância de direitos: diferentes construções conceituais de infância ao longo do tempo histórico**. 2006. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

KENDZIERSKI, Mariana. **Friedrich Froebel e os jardins-de-infância**. Anais Unicentro, Guarapuava: Paraná, 2012. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/flicenciaturas/pdf/iiv2n1/104.pdf> Acesso em: 13 out. de 2023.

MANTAGUTE, Elisangela L. L. A organização dos espaços e mobiliários nas creches em Curitiba/PR - 1975 a 1986. Revista Linhas, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 11 - 41. jan./jun, 2013.

MELO, Jennifer Silva. **Breve histórico da criança no Brasil: conceituando a infância a partir do debate historiográfico**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 2, 14 de jan. de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/2/breve-historico-da-crianca-no-brasil-conceituando-a-infancia-a-partir-do-debate-historiografico> Acesso em: 18 de out. de 2023.

MORAIS, J. de F. M.; RODRIGUES, E. **O Mundo da Criança: categorias de abordagens para a formação dos bons costumes para o infante**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 20, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8656928>

NASCIMENTO, Alcileide C. do. **A sorte dos Enjeitados: O combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

O MUNDO DA CRIANÇA. **Grandes homens e feitos famosos**. Rio de Janeiro: Delta, 1959

O MUNDO DA CRIANÇA. **Histórias de fadas**. Rio de Janeiro: Delta, 1954? 1954?

O MUNDO DA CRIANÇA. **Poemas da primeira infância**. Rio de Janeiro: Delta, 1954? 1954?

PEREIRA, Renata M. **O ser criança na sociedade atual: reflexões sobre o trabalho pedagógico do professor**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

Equipe

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)

Andréa Bezerra Cordeiro (DTFE-ED)

Equipe

Camila Emi Iwahata - História Vespertino

Gabriela Yumi Urazaki - História Vespertino

Jéssica Conceição da Silva - Pedagogia Matutino

João Victor Silva Borges - História Vespertino - Bolsista
Extensão

Maria Aparecida Codognotto - Pedagogia Noturno

Nathaly de Moraes Dias - História Vespertino - Estagiária

Rhangel dos Santos Ribeiro - História Vespertino - Bolsista
Fundação Araucária

CONTATO

E-mail: historiadaeducacao@ufpr.br

Facebook: <https://www.facebook.com/historiasememoriased>

Instagram: <https://www.instagram.com/historiasememoriased/>

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em:
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/>

